

OCUPAÇÃO /

INTERVENÇÃO

Diálogos Contemporâneos
com o acervo do Museu D. João VI

Cristiane Geraldelli /

Daniela Seixas /

Leandro Furtado /

Leonardo Etero Auler /

Louise D.D. /

Mariana Katona Leal /

Nelson Ricardo /

exposição paralela

I Seminário do Museu D. João VI

I Encontro de História da Arte

EBA/UFRJ

É com satisfação que o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais lança o catálogo da exposição Ocupação/Intervenção: Diálogos Contemporâneos com o acervo do Museu D. João VI realizada de 18 a 21 maio 2010, como parte das atividades do I Seminário do Museu D. João VI / I Encontro de História da Arte da EBA/UFRJ.

A proposta de Cristiane Geraldelli - artista e mestranda da linha de Linguagens Visuais - de fazer uma intervenção no espaço do Museu, teve o apoio dos organizadores do Seminário e a adesão dos artistas pesquisadores Daniela Seixas, Leandro Furtado, Leonardo Etero, Louise D.D., Mariana Katona, Nelson Ricardo e Marina Menezes, que fez o texto introdutório. O tema da Ocupação/Intervenção também foi apresentado como Mesa Redonda durante o Seminário pelos mesmos estudantes envolvidos.

Composto por obras dos séculos XVI ao XIX e de documentos sobre a formação do ensino artístico no Brasil, o Museu D. João VI está instalado na Escola de Belas Artes da UFRJ, em projeto museográfico inovador, exibindo as obras que o compõem como numa reserva técnica. Seu importante acervo serve de corpus documental para estudos de História e Crítica da Arte.

Por outro lado, o acesso ao conhecimento do passado que a proximidade física dos objetos e espaços proporciona, se revitaliza a partir dos questionamentos poéticos empreendidos pelos artistas junto a obras destacadas do acervo ou no entorno do museu. Tais ações/reflexões contribuíram para que fossem ampliados os sentidos atribuídos ao espaço, ao objeto, à memória, ao estatuto do artista, por meio de outros olhares e sensibilidades, evidenciando a interlocução entre as áreas teóricas e teórico-práticas do PPGAV.

Maria Cristina Volpi Nacif
Coordenadora do PPGAV .EBA .UFRJ
abril | 2011

Em 2010 realizou-se o I Seminário do Museu D. João VI/EBA/UFRJ. Foram três dias de intensas trocas de informações entre pesquisadores e estudantes sobre arte brasileira, tendo o acervo do Museu como base principal da pesquisa.

Paralelo ao Seminário o destaque recaiu no grupo de artistas, alunos da Pós-Graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes/UFRJ, que apresentou um olhar contemporâneo com interferências no acervo do Museu. As obras que “fogem” da Academia a ele se misturaram e se integraram criando todo um contexto especial para o fruidor que por ali passava.

A “intervenção” dialogou com as esculturas, com a pintura e com o mobiliário. Os filmes projetados deixaram todos surpresos já que aquele lugar não era um espaço específico para eles. Era a integração do filme e a obra da Academia que se encaixavam criando um uno. A surpresa da escultura ora aqui, ora ali, fugindo do nosso “habitual”, mas que naquele momento interagia com o espectador como se ali sempre estivesse, mudando seu sentido e mesmo contemporânea ao espectador, retornava no tempo.

Ferreira Gullar comentou no em seu artigo *As Formas da Invenção* que “esse universo de significações não se contenta com a expressão visual das formas, das imagens. Ele necessita decifrá-las, entendê-las, traduzi-las na linguagem das palavras”. Para Ernst Cassirer “as linguagens são intraduzíveis entre si, ou seja, o que a imagem diz a palavra não consegue dizer”.

Nesse momento de interação entre imagem-palavra-obra de uma maneira ou outra elas foram decifradas, captadas, traduzidas, intento desejado pelos espectadores e artistas que participaram desse diálogo com o Museu.

Artista e obra, tradição e contemporaneidade, ocupação e intervenção, essas são as palavras-chave da mostra significativa que completou o I Seminário do Museu D. João VI/EBA/UFRJ e que, sem dúvidas, marcou esse momento importante e histórico da Academia.

O Museu D. João VI abre as portas para as poéticas contemporâneas

Em 2009, o museu da Escola de Belas Artes da UFRJ – Museu D. João VI – completava 30 anos de existência. Apesar da idade balzaquiana, o acervo possui obras e documentos centenários, desde a época da Academia de Belas Artes e, portanto, com grande quantidade de obras realizadas no século XIX e início do século XX. Esse perfil do acervo acabou por atrair pesquisadores sobre a história da arte do século XIX, promovendo a idéia de que era lugar de estudos somente do passado e que só havia obras acadêmicas, sem interesse estético para o presente. Confundia-se o interesse pelo passado com o pensar como passado, entendido por descompasso e atraso. Temia-se que o diálogo com obras do passado fosse contaminar o pensar arte no presente. O museu D. João VI recebia muito poucos artistas.

Contudo, essa arte do passado, identificada banalmente por arte acadêmica, não era estilo nem forma estanque ou retrógrada de fazer arte, como interpretavam os maus conhecedores e os impregnados por discursos modernistas oportunistas. Era diversa, complexa, rica, fruto de seu tempo e dos tempos de vida, reafirmando sua condição artística anacrônica.

Tudo depende de quem olha e se os discursos passam, as obras ficam e estão além dos olhos de quem um dia olhou e ajuizou. Hoje, o olhar da contemporaneidade não olha o passado como ameaça, mas como possibilidade de diálogo, como mote para discutir o próprio presente. O passado não é mais tabu. Acreditando nessa postura, o museu D. João VI poderia promover o encontro dos artistas do passado com os artistas do presente.

No mesmo ano de 2009, o museu havia acabado de se mudar, apresentava o acervo higienizado, uma nova museografia e estava prestes a reabrir sua portas, pronto para bem receber pesquisadores, alunos e professores. Estava renovado. Para marcar esse momento foi organizado, em 2010, um encontro reunindo os pesquisadores, que a partir do seu acervo, escreveram parte da história da arte no Brasil. Pretendia-se demarcar o fato de o acervo estar constantemente sendo confrontado pelo olhar contemporâneo de pesquisadores e alunos, mantendo em construção a história do ensino artístico e da arte dos séculos XIX, XX e XXI.

O evento procurou reunir memória, história e contemporaneidade; museu, graduação, pós-graduação e grupos de pesquisa e, assim, quis reforçar alguns importantes significados de um museu universitário: museu como lugar de memória; museu como espaço de salvaguarda de obras e documentos sobre o ensino artístico; museu como lugar de pesquisa, capaz de contribuir para a escrita da história da arte no Brasil; museu como lugar de diálogos contemporâneos; museu como lugar de encontros e reflexões.

Reforçando a potencialidade do museu para as discussões das poéticas contemporâneas, foi desenvolvida a exposição Ocupação/Intervenção - Diálogos contemporâneos com o Acervo do Museu D. João VI, empreendida por alunos da Pós-graduação em Artes Visuais da EBA, que foi acompanhada de uma mesa com a apresentação do conceito da exposição, seguida de uma visita especial com os artistas ao museu, na qual puderam falar sobre cada intervenção individualmente.

Estive lá. Foi ótimo. Um marco. O museu passou a ser visto por outros olhos. Passou a ser espaço não só para pesquisar história da arte, mas para experimentar arte. Não só para abrigar arte do passado, mas para acolher poéticas do presente. Aqueles que se aventuraram a se envolver com seus espaços e obras, e a partir dessa relação criarem suas próprias obras, foram agentes e testemunhos de um movimento que se constrói na atualidade dos diálogos, das vivências, das dúvidas das linguagens contemporâneas e possibilitam escrever uma nova história da arte no espaço da academia.

É no espaço da academia, enquanto lugar de experimentos, que se pode procurar esgarçar as convenções e testar outros caminhos disciplinares e transdisciplinares. Falo de uma academia específica, uma academia de artes, onde o fazer, o conservar e o praticar arte convivem com o pensar, o pesquisar, o historicizar, um lugar em que o olhar é sensibilizado pela prática contemporânea e a prática, sensibilizada pelo olhar para o passado, mostrando sua potencialidade de autorenovação.

Sobre a Ocupação/Intervenção

Durante os dias 18 a 21 de maio de 2010 realizou-se a exposição Ocupação/Intervenção: Diálogos Contemporâneos com o acervo do Museu D. João VI, na qual participaram sete artistas pesquisadores em programas de pós-graduação do Rio de Janeiro. Na coletiva, o mesmo espaço do museu que abriga em sua maioria obras do século XIX foi ocupado pelos artistas, que o utilizaram como matéria construtiva em sua complexidade histórica, simbólica e memorial.

A ocupação como ação de busca por posse e lugar assemelha-se em diversas maneiras ao que foi realizado no Museu D. João VI – instituição que tem sua própria história de lutas por espaço físico. Houve ocupação tanto pela ação dos artistas que mostraram seus trabalhos dentro do Museu pertencente à Escola de Belas Artes, quanto pela presença de obras contemporâneas nessa instituição, dedicada especialmente ao ensino artístico dito acadêmico. A ocupação não partiu da ociosidade do espaço, que abriga grande acervo, mas ocorreu nas possibilidades de diálogo, intervenção e interpretação.

A intervenção traz o duplo sentido de mudança e da ação externa que lhe causa. A palavra mostra a postura ativa que efetivamente caracterizou as proposições que se somaram ao acervo do Museu durante aquela semana. Em oposição à passividade contemplativa, as propostas instigavam reflexões, causavam surpresas e questionamentos que se expandiam promovendo outras relações com o Museu. Do olhar externo dos artistas, reconheceram-se afinidades e ao mesmo tempo se mostraram diferenças. Entre o 'eu' e o 'outro', o 'passado' e o 'presente' desestabilizaram-se as dicotomias e as oposições, trazendo para o observador a possibilidade de encontros e de posicionamentos não excludentes.

Na obra de **Cristiane Geraldelli**, *Quando a academia sonha com outros horizontes*, a artista propõe um jogo de olhares entre a escultura “Mulher Uva”, de 1983 e a paisagem externa, vista pela janela do Museu. O olhar da escultura dirigido à janela encontra sua própria imagem em fotografia, em estado de contemplação da paisagem. Sonho, distanciamento ou desejo? É nesse espelhamento e repetição que o fluxo de relações (espectador/escultura, escultura/foto, espectador/foto e escultura/paisagem) cria ficções e faz pensar em um voyeurismo que anima os objetos paralisados pela própria função de conservação e proteção dos museus.

Em *Sem título (ou braille para...)* de **Daniela Seixas**, um livro de capa preta com páginas brancas envolvidas em plástico bolha é posto para o manuseio. A obra remete ao cuidado e a preservação que caracterizam a função do Museu, e que se evidenciam na Sala de Livros Raros, na qual empacotados com capas brancas os livros são arquivados em estantes. O papel branco que envolve esse acervo raro confere-lhe o duplo caráter de imponência e fragilidade, de importância e deterioração. No livro da artista as páginas em branco trazem a latência do que está em aberto e é campo de possibilidades, contrastando com a saturação do ambiente do museu, enquanto o plástico incita o toque, ainda que com a cautela do que se deseja proteger.

Leandro Furtado com *Museu Virtual v.2*, propõe a experiência de conhecer o Museu através de uma combinação de sentidos desencadeados pela experiência de perceber esculturas através do tato e com os olhos vendados. No tocar, o público evoca suas memórias e projeções, criando interações entre sentidos e permitindo o desenvolvimento de outro museu, um Museu Virtual, como propõe o artista. A cada participante, outras sensações, memórias e relações, e assim, museus particulares. Na atenção a temas como ensino, história, educação e percepção, a proposta convida ao questionamento das sensibilidades adormecidas e da atuação dos museus

no estímulo a ampliação e aprofundamento das relações entre o público e a obra de arte.

Em *Napoleão perdeu a guerra, mas liberou a caravana da EBA*, **Leonardo Etero** faz referência às origens da Escola de Belas Artes da UFRJ: a Academia Imperial de Belas Artes, formada a partir da vinda da Missão Artística Francesa, em 1816. A Academia, tão fortemente marcada pelo estudo de modelos e da figura humana, forneceu uma parte representativa do acervo do Museu. Na obra do artista, o busto de Napoleão feito em cerâmica, envolto em tule e amarrado com uma fita vermelha – como um presente – trata com o humor as influências trazidas pelos artistas que tanto colaboraram na disseminação dos moldes do ensino acadêmico no Brasil.

Mariana Katona utiliza-se de uma parede repleta de molduras vazias da Seção Técnica para projetar imagens de obras de cinco artistas e pesquisadores. As molduras ocas aludem à própria ausência da arte contemporânea no museu, de maneira que se evidencia a intenção de levar para este espaço produções mais recentes. As imagens projetadas trazem outros autores que se somam à intenção da artista. Reforça-se a especificidade do contexto e o direto diálogo com o local para o qual a obra é feita, elemento que une os diferentes artistas da exposição e que se coloca como questão relevante para a produção contemporânea.

A questão do lugar é posta por **Louise D.D.** com tom de ironia. Na tentativa de localizar o Museu em um guia de ruas, a artista detectou erros no mapa da cidade universitária no que concernia à posição da Escola de Belas Artes e do intitulado Museu Escola de Belas Artes. As interpretações que buscam justificar tal equívoco são deixadas em aberto, sem, contudo, abster-se do tom crítico. Na apresentação da obra são dispostos cartazes nos corredores da EBA, além da intervenção no jardim da faculdade de Letras na qual é demarcada a área que se localizaria o Museu conforme o mapa.

Em *Entre ASPAS* de **Nelson Ricardo**, um vídeo nos convida a percorrer o Museu, enquanto escutamos comentários sobre a instituição. O olhar perpassa molduras, tidas como elementos que colocam a obra em descontinuidade com o mundo, e que como os pedestais, legitimam, limitam, definem. O objeto eletrônico em meio aos móveis antigos marca a distinção e apresenta a visão do artista, que através da proximidade propõe a imersão no detalhe, ao mesmo tempo em que a distância do campo geral propicia a construção de fragmentos que ganham autonomia e particularidade.

O presente catálogo assume uma importante função ao divulgar e documentar a experiência ocorrida no Museu D. João VI em concomitância ao seu primeiro Seminário. Contudo, a exposição não foi acontecimento isolado, incluindo também as conversas, visitas guiadas e estudos do espaço e do acervo – elementos vividos, que escapam do registro. Nessas vivências se estabeleceram as relações e as trocas em que os artistas incorporaram o Museu aos seus processos e o Museu se abriu para o diálogo e inserção da arte contemporânea. Após o encontro de ambos, a experiência acumulada transforma o olhar do que está porvir, e assim, a ação se multiplica e ganha possibilidade de desdobramento e continuação.



Cristiane Geraldelli

Quando a academia sonha com outros horizontes





Daniela Seixas

Sem título (ou braile para...)









Leonardo Etero Auler

*Napoleão perdeu a guerra,
mas liberou a caravana da EBA*





participantes

Clarissa Campello

Série *Imagens Afetivas*

Lady, Louise, Tatiana, Vinicius, O beijo, Carlos, Café da manhã

óleo sobre tela
2009/2010

Daniel Lannes

Safe sex1

óleo sobre tela 185cm x 135cm
2007

Safe sex2

óleo sobre tela 150cm x 225cm
2007

Safe sex3

óleo sobre tela 190cm x 133cm
2007

Mc lanche na relva

óleo sobre tela 120cm x 160cm
2005

a visita

aquarela e acrílico sobre papel
60cm x 50cm

2004

Elisangela Ilkiu

registro circo 2008

registro circo 2010

registro circo 2010

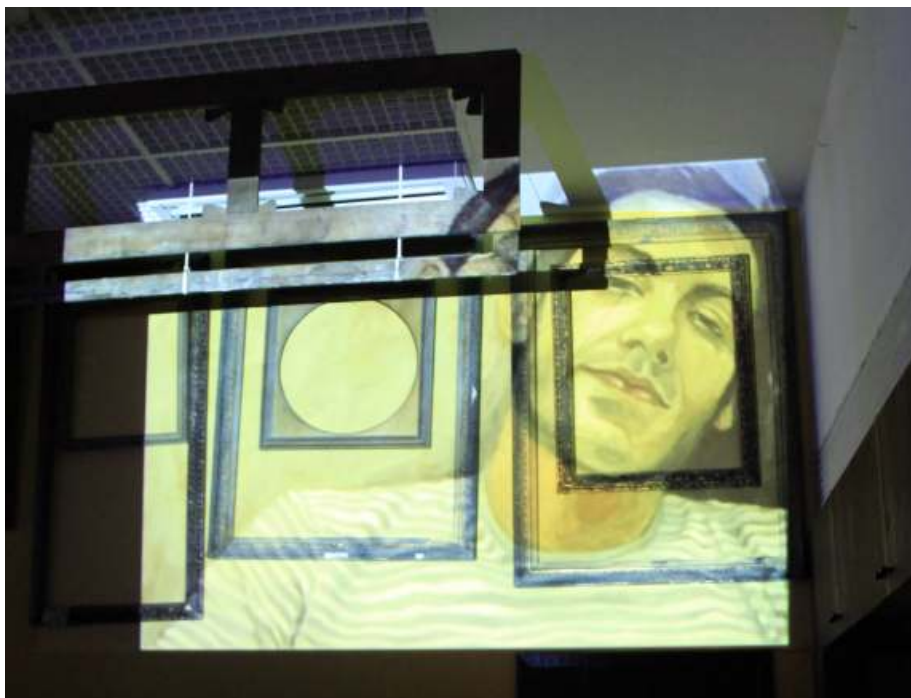
Marina Menezes

sem título

2009

Mirela Luz

Lar: o jantar/ o sexo/ consolo/ privado?/ a decoração/ o vício/ lazer
nanquim s/papel
2010

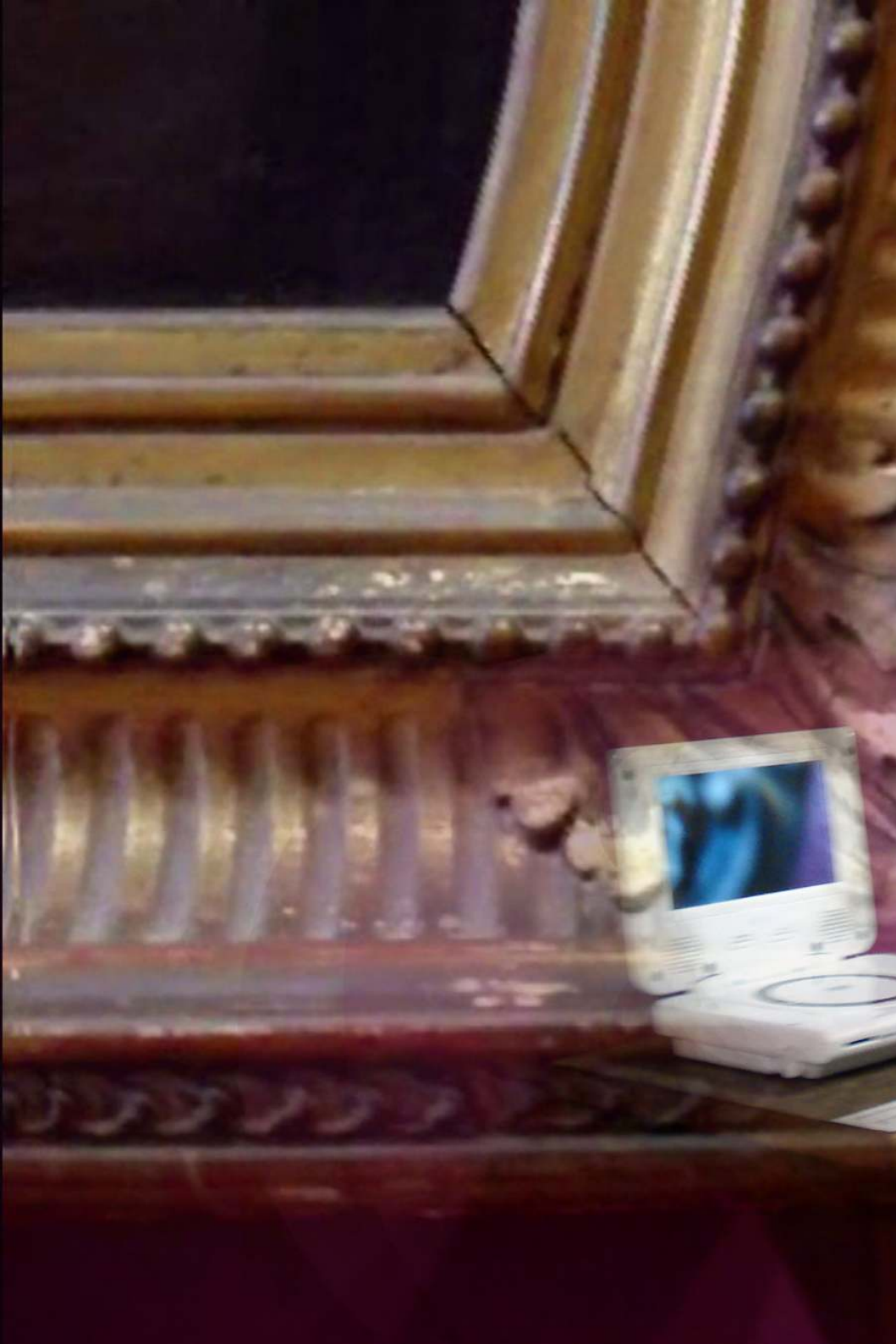




Louise D.D. /

Sem título





Nelson Ricardo /

Entre aspas



ENTRE ASPAS | MOLDURAS CONCEITUAIS

No espaço da arte, de um modo geral, sempre foram presentes as chamadas instâncias de legitimação: os tradicionais pedestais para as esculturas e os objetos, as molduras para todo tipo de imagem, as etiquetas e o próprio espaço físico dos museus e galerias. De Duve diria que certas artes para existir requerem efetivamente a proteção do museu e que, de fato, essas instituições metodicamente cumpriram – e ainda cumprem – seu papel de sinalização da fronteira que serve de entrada a esse universo específico.

O espectador, como precaução, mantinha o que era chamado de “distância psíquica”, para que não incorresse no risco de confundir realidade e ficção compreendendo que, frente àquelas obras, não deveria manter reações – e relações – como as que se têm diante de algo trivial e cotidiano.

O funcionamento dessas fronteiras entre um espaço e outro seria comparável à função das aspas em um texto. O resultado é que, além de manter a integridade do texto, se obtém uma aparente imunidade do autor através de seu não comprometimento direto com o que é dito.

Mas o que aconteceria com a suspensão de todas essas formas diretas de sinalização no caso das artes que se misturam ao cotidiano? Aspas, sobretudo conceituais e institucionais, possibilitam que as obras sejam percebidas ainda que, aparentemente, se confundam com objetos, ambientes ou gestos cotidianos.

Ao pensarmos sobre uma possível semelhança entre um objeto de arte e um objeto que tem continuidade com o mundo, certamente corremos o risco da perda de discernimento entre os dois universos. Efetivamente, para que se estabeleça um sistema de crenças estável e conservador que possa definir um mundo, é necessário o desvio que Danto chama de determinados predicados para áreas categorizadas separadamente. Se determinadas separações não existissem, tomaríamos a realidade por fantasia e vice-versa, sem nenhuma forma que garantisse a continuidade e efetivação dos atos e das expectativas. São realidades diferentes e o discernimento existente entre elas permite justamente a consideração de ambas. Quando sonho o meu caminhar não obedece à lei da gravidade, mas sei, quando desperto, que se tratava apenas de um sonho.

Por volta dos anos 60 do século XX, ocorre algo muito diferente justamente porque se apagam a reconhecida diferença e a tal distância segura.

Desde então, a arte tem presenciado uma série crescente de trabalhos que fazem de linguagens não tradicionalmente tidas como “artísticas” um resultado que se mostra à primeira vista indiscernível e coloca essa produção em comparação direta com os objetos e circunstâncias da vida cotidiana.

E é em contato com essa ambiguidade que se instaura uma forma de ausência perturbadora: a ausência de certeza ao se afirmar que algo se encontra, ou se perde, de um lado ou de outro. Uma terceira via se entreabre.

Cristiane Geraldelli

2011-2009| *Mestranda em Linguagens Visuais* PPGAV.EBA.UFRJ
Principais exposições: 2010| ARTE GARAGEM 2010 - Casa da Ipiranga - Petrópolis -RJ
2009| *Clube Naval: Ocupação em lugar de Estar -RJ* | *reiniciAções - Galpão PÓS-EBA -RJ*
Ativação do Espaço - Galpão PÓS-EBA -RJ | *ALUGA-SE - Galeria Laura Marsiaj anexo -RJ*
2008| *1º Salão de Artes Plásticas de Petrópolis -RJ*
2006-2005| *Acessos Possíveis e Espaços de Contato - EAV Parque Lage -RJ*

Daniela Seixas

2011| *Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos* PPGARTES.UERJ
Principais exposições: 2011| *Espaço Comum - Galeria Cândido Portinari - UERJ*
2010| *entre-vistas - Programa Aprofundamento - EAV Parque Lage - RJ*
12º Salão Nacional de Artes de Itajaí -SC | *Prêmio EDP nas Artes - Instituto Tomie Ohtake -SP*
Tração - Centro Cultural Justiça Federal -RJ | *2ª Feira de Arte Impressa - Galeria Vermelho -SP*
2009| *Iluminando o Novo - Largo das Artes -RJ*

Leandro Furtado

2011| *Doutorando em Poéticas Interdisciplinares* PPGAV.EBA.UFRJ
2010| *Mestre em Poéticas Interdisciplinares* PPGAV.EBA.UFRJ
2010-2004| *Professor: EBA.UFRJ* | *Instituto de Artes UFJF* | *Faculdade Comunicação UNIPAC*
Principais Exposições: 2009| *Clube Naval:Ocupação em lugar de Estar -RJ*
2008| *Centro Cultural Raul de Leoni - Petrópolis -RJ*
2006| *XVIII Inverno Cultural UFSJdR - São João Del Rei -MG*
2005| *X Festival Verão UFES - Vitória -ES*

Leonardo Etero Auler

2011| *Professor da Escola de Belas Artes UFRJ*
2010| *Mestre em Artes Visuais* PPGAV.EBA.UFRJ
Principais Exposições: 2010| *Foto: objeto - Espaço Kreatori -RJ* | *Projeto Apartamento - 3ª ed. -RJ*
KXA PRETA - Espaço Apis -RJ | *Intervenção Shout - Fábrica Bhering -RJ*
2009| *Circuito Integrado - Chave Mestra - Espaço Apis -RJ* | *Imaginário Periférico - Capitu -RJ*
2008| *Estamos todos juntos - Parque Lage -RJ* | *14º Salão UNAMA - Belém - PA*

Louise D.D.

2011| *Programa Aprofundamento - EAV Parque Lage -RJ*
2011-2009| *Mestranda em Linguagens Visuais - PPGAV.EBA.UFRJ*
Principais Exposições: 2011| *Rio Arte Nova: As Jovens Galerias de Arte Cariocas - BNDES -RJ*
2010| *NOVISSIMOS - Galeria de Arte IBEU -RJ* | *16º Salão UNAMA - Belém -PA* | *Arte Pará - Belém -PA*
2009| *Anestésicos - Galeria de Artes do SESC Nova Friburgo -RJ*
2008| *1º Salão de Artes Plásticas de Petrópolis -RJ* | *14º Salão UNAMA - Belém -PA*

Mariana Katona Leal

2011| *Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos* PPGARTES.UERJ
2007| *Formada em cinema pela UNESA*
Principais Exposições: 2011| *Espaço Comum - Grupo Tração - Galeria Cândido Portinari - UERJ*
2010| *Tração - Centro Cultural da Justiça Federal -RJ*

Nelson Ricardo

2011| *Doutorando em Linguagens Visuais* PPGAV.EBA.UFRJ
Principais Exposições: 2010| *NOVISSIMOS - Galeria de arte IBEU -RJ*
2009| *Clube Naval: Ocupação em lugar de Estar - Clube Naval -RJ*
Man With A Movie Camera|Vertov Global Remake (Projeto Perry Bard) <http://dziga.perrybard.net>
2008| *Estamos Juntos Separados - Núcleo de arte e tecnologia - EAV Parque Lage -RJ*

EXPOSIÇÃO

Idealização Projeto:
Cristiane Geraldelli | Marize Malta

Comissão Organizadora:
Cristiane Geraldelli | Leandro Furtado
Marina Menezes | Nelson Ricardo

*Participação de alunos pós-graduandos
do Instituto de Artes UERJ*

Projeto Gráfico:
Cristiane Geraldelli

Reproduções Fotográficas:
Cristiane Geraldelli | Nelson Ricardo (Entre aspas)

Impressão:
Grafikka

Agradecimentos:
Sonia Gomes e aos funcionários do Museu D.João VI

*Exposição realizada durante o I Seminário do Museu D.João VI
e I Encontro de História da Arte EBA
de 18 a 21 de Maio de 2010 no Museu D.João VI
Rua Pedro Calmon, 550 | Edifício da Reitoria | 7º andar*

Realização:



Museu D.João VI



Grupo de Pesquisa
[ENTRESSÉCULOS]

Apoio:



Fundação Universitária
José Bonifácio



ISBN 078 85 87145 36 9



3 788037 140369